

Contudo, José Mário admite que esses grandes desafios foram devidamente superados. “Vivi um grande drama até o término do TCC. Até agora estou com a mente um pouco pesada, pedindo por descanso”. Ele confessa, ainda, que por várias vezes, pensou em desistir, mas o apoio dos colegas o encorajou a seguir em frente. “Pensei que já tinha dado tudo de mim, mas tive que me adaptar da maneira que eles queriam”, diz.

“Se cheguei até aqui foi porque me apoiei no ombro dos gigantes”, parafraseia ele as palavras do físico, astrônomo e matemático inglês Isaac Newton, ao justificar sua conquista, assegurando que a meta é seguir na nova profissão. “Quero fazer concursos, ser aprovado e ter um salário decente”, afirma, revelando estar atento ao edital do concurso de agente de vigilância e saúde ambiental do GDF. “Quero fiscalizar o descarte e a destinação de resíduos hospitalares. O salário é bom, chega a até R\$ 6 mil”, sonha.

José Luiz diz sentir vergonha do trabalho que exerce. Como entregador de aplicativo, trabalhando apenas para uma pizzaria vizinha, afirma ganhar, no máximo, R\$ 1.800 por mês, quantia que mal dá para sustentar ele e a cadela Creolina e pagar as contas. “Estou devendo crediário das Casas Bahia e ainda gasto R\$ 399 por mês com a prestação da minha moto. Está cada vez mais difícil. Se não morasse de favor com minha tia, não sei como seria”, lamenta.

Na faculdade, afirma, aprendeu de tudo, até um pouco de inglês. “Mas o mais relevante foi lapidar o meu social, não desistir das batalhas, seguir em frente. Não queria parecer um incapaz, um impotente”, diz o ex-flanelinha, que atuou na função por uma década e mal conseguia se expressar.

“Meu sonho sempre foi agregar um pouco mais de conhecimento à minha existência. Sou muito grato à minha universidade, que me transformou”, diz, lançando mão de mais uma citação que sempre o inspirou, desta vez de Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira e autor da *Pedagogia do Oprimido*: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. “Foi o que a UnB fez comigo”, afirma.



O mais relevante foi lapidar o meu social, não desistir das batalhas e seguir em frente. Não queria parecer um incapaz, um impotente”

José Mário Silva dos Santos

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



José Mário Silva recebe diploma de graduação em gestão ambiental na UnB: “A educação sozinha não transforma a sociedade”

Professores destacam dedicação e garra

Para os professores que acompanharam sua trajetória na UnB, José Mário foi, mais do que exemplar, um aluno vitorioso, que demonstrou, a todo instante, vontade de aprender coisas novas e se qualificar para o mundo do trabalho.

Para o professor Luis Antonio Pasquetti, foi gratificante ver o esforço pessoal de alguém que teve o direito à educação atrasado, reprimido e negado muitas vezes pelo sistema em que vivemos, onde muitos jovens e adultos não conseguem adentrar no ensino superior, seja por questões sociais, familiares ou de sobrevivência. “É um grande orgulho para nós, um exemplo, um vitorioso nesse sentido”, afirma o professor de gestão de pessoas e ex-diretor da UnB Planlândia, no período de 2012 a 2016.

Pasquetti destaca, ainda, a importância de políticas públicas de inclusão. “José Mário é exemplo a ser multiplicado mas, para que isso ocorra, é importante que haja políticas públicas, recursos para a educação superior e também o acolhimento, ou seja, que as universidades acolham os estudantes e lhes dê o apoio necessário, como tivemos em período recente na história da educação pública brasileira”, diz.

“O terceiro aspecto é um orgulho muito grande da pessoa de José Mário, que sempre continuou trabalhando, mesmo em funções mais simples, como no estacionamento, onde o visitei

Arquivo pessoal



O ex-lavador de carros, durante a formatura na UnB: sonho realizado

no dia em que saiu a notícia de que ele havia passado. Havia uma enorme aposta, também por parte da sociedade, em relação a esse perfil de jovens e adultos que adentram a universidade pública.”

Pasquetti destaca, ainda, a importância das instituições de ensino garantirem uma trajetória de sucesso, de

dedicação e de qualidade. “É isso que fazemos com os filhos dos trabalhadores que adentram na universidade a partir de novas políticas públicas, como as cotas sociais, tão importantes para a sociedade brasileira”, diz.

A professora Mônica Nogueira é mais uma a destacar a vontade e garra de José Mário durante sua passagem pela UnB. “Ele esteve comigo em diferentes disciplinas do curso de gestão ambiental. Foi sempre assíduo e participativo, inspirando outros estudantes com a sua vontade de aprender e tornar-se um profissional bem preparado para atuar no mundo do trabalho”, afirma.

Nogueira lembra que a última disciplina que José Mário cursou com ela foi política e gestão ambiental em terras indígenas. “Foi muito interessante, porque ele fez conexões com sua origem, negra e indígena, e o contexto no seu estado, o Maranhão, onde há povos indígenas envolvidos em intensos conflitos. Suas terras e bens naturais estão ameaçados por grandes obras e o avanço da fronteira agropecuária”, afirma, recordando que os relatos e vivência de José Mário enriqueceram muito os debates em sala de aula.

“José Mário encarna os resultados dos esforços de democratização do acesso ao ensino superior no Brasil e nos enche de esperança. A educação pode e deve ser um mecanismo de emancipação das pessoas e dos povos e esse é o testemunho que ele nos dá”, conclui.